

BEST-SELLER DA AMAZON

# FML PEPPER

PARA SE SENTIR VIVO,  
VOCÊ ENTREGARIA SUA VIDA NAS MÃOS DA MORTE?

# NÃO PARE!

LIVRO 1

  
valentina



## 1º LUGAR DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DA AMAZON!

Agora nas melhores livrarias.

*Um bad boy lindo e perigoso.* Seus olhos são pura sedução, mas em seus lábios pulsa o beijo da morte.


Você se arriscaria?

*Não Pare!* é o 1º volume da trilogia que está há mais de 2 anos entre os TOP 3 de sua categoria e entre os 100 livros mais vendidos da Amazon Brasil.

Com muita ação e reviravoltas de tirar o fôlego, os cativantes personagens de FML Pepper levarão você – através de um enredo cinematográfico – para um mundo fantástico onde o Amor e a Morte se enfrentarão. Uma história que certamente prenderá os leitores da primeira à última página.

FML Pepper está presente em mais de 10.000 estantes no Skoob e sua fanpage no Facebook já superou a incrível marca de 40.000 curtidas.

Faça como milhares de leitores no mundo inteiro: Viva essa inesquecível aventura!



*Nina Scott* não suportava mais a vida nômade e solitária que sua mãe, Stela, a obrigava a ter. Mudar de cidade ou de país a cada piscar de olhos, conviver com tantas perguntas que a consumiam, assombrada pelos mistérios de um passado guardado a sete chaves. Agora, aos 16 anos, a garota das estranhas pupilas exigia respostas.

*E, para sua péssima sorte, elas já estavam a caminho!*

Quando Stela decide ficar em Nova York, Nina acredita que seu sonho de ter uma vida normal vai se tornar realidade. Finalmente terminará o ano letivo em um mesmo colégio, poderá fazer amigos sem ter que abandoná-los, viver um grande amor, amadurecer... Enfim, curtir a juventude.

*Mas o “normal” está muito longe da vida de Nina!*

Perdida no olho de um furacão de mortes e inexplicáveis acidentes, tendo que esconder os terríveis fatos da mãe, Nina começa a desconfiar da própria sanidade mental, de tudo e de todos. O que explicaria os paralisantes calafrios, a perda de visão e de memória que experimentava sempre que alguém morria ao seu redor? O que ela teria a ver com os bizarros acontecimentos? Estariam eles interligados?

*É chegada a hora de pagar para ver.*

*Mas o preço da verdade... será alto demais.*

## CAPÍTULO

# 1

Arrependo-me de não ter prestado atenção aos sinais. Se pudesse imaginar que estes seriam os últimos dias da minha vida, ou melhor, da vida com a qual eu estava acostumada, isso faria alguma diferença?

De uma coisa eu tinha certeza: eu deveria ter ficado em casa naquele dia e jamais ter colocado os pés naquela maldita praça. Jamais!

— Venha, Nina — chamou Stela eufórica, apontando para um showzinho prestes a começar na praça Dam, a minha predileta em Amsterdã.

Quando me aproximei, foi tudo tão rápido que meu cérebro mal conseguiu processar a sequência de eventos que aconteciam diante de meus olhos.

*Zoomp! Zoomp!* O gemido surdo do ar sendo apunhalado. Fragmentado. *Zoomp!* Uma praça. Uma aglomeração de pessoas numa roda. O artista de rua em sua assustadora exibição com facas voadoras. Seu olhar concentrado ficando estranho, aéreo talvez. As cintilantes facas se movimentando com incrível rapidez. O homem se aproximando de mim. *Zoomp!* As lâminas afiadas se chocando, produzindo hipnóticas faíscas e gritos de delírio. O exibicionista se aproximando ainda mais. A atmosfera cinzenta, o inebriante tilintar e brilho das facas, o burburinho de excitação da plateia e... meu cérebro processando as imagens com dificuldade. *Zoomp!* As facas letais cada vez mais perto.



Meu estado de transe subitamente interrompido por uma voz incisiva atrás de mim.

— Abaixe-se!

Tive a sensação de que alguém havia me puxado e, ao me inclinar para ver quem era, senti um vento frio passar pelos meus cabelos. Só deu tempo de ouvir um *ohhh!!!* das pessoas ao meu redor. *Por que todas estavam olhando para mim?* Aturdida, instintivamente levei a mão à ardência em meu pescoço e meus dedos se depararam com um filete de sangue. Então entendi o que acabara de acontecer: uma das facas havia se desprendido da mão do tal sujeito e voado diretamente em minha direção. Com certeza teria transpassado meu pescoço se meu reflexo não fosse tão... tão incompreensivelmente rápido!

— Nina, você está bem? — gritou Stela supernervosa. — Oh meu Deus, foi por pouco!

— E-estou bem! Foi só de raspão. — Num misto de atordoamento e preocupação, as palavras saíam trêmulas de minha boca. *Céus! O que havia acabado de acontecer ali? Uma vertigem por queda de pressão?*

— Meu Deus! Meu Deus! — gemia Stela olhando em pânico para todas as direções. — Venha, vamos sair deste lugar! — Acelerada, ela me empurrava para longe da multidão.

— Calma, mãe. Não aconteceu nada! — Tentei refrear sua fuga enlouquecida dali, mas perdi a força e meu coração entrou num compasso desritmado quando seus dedos gelados tocaram a minha pele.

*Ah, não! Por favor, mãe. Não. Não. Não. De novo, não.*

Confusa em meu próprio caos, presenciei a expressão de pânico se agigantar dentro de seus olhos negros e, à medida que nos aproximávamos de casa, fui perdendo espaço para o costumeiro (e maldito!) brilho opaco da angústia. Respirei fundo, lutando a todo

custo para abafar a sinfonia desafinada do desespero que explodia em meus ouvidos, mas os sinais deixavam claro que era um caminho sem volta. *O estrago estava feito. Adeus, Holanda!*

Já imaginava o que viria a seguir: a neura de minha mãe nos faria deixar Amsterdã, assim como acontecera com as dezenas de cidades em que tínhamos vivido nos últimos dezessete anos. Bastava apenas algo ruim acontecer comigo.

*O que também não era nada incomum...*

— Arrume suas roupas, filha. — Ela mantinha a cabeça baixa enquanto abria aleatoriamente as gavetas do armário da cozinha. Seu típico cacoete. Conhecia seus modos melhor que a minha própria sombra: ela estava ganhando tempo e coragem antes do novo confronto, antes de se deparar com a ira e a frustração estampadas na minha face e na minha alma. — Partiremos amanhã!

*Eu sabia!*

— Mãe, nós acabamos de chegar à Holanda! Isso é um absurdo! — retruquei inconformada. Por mais que tentasse não surtar com os acessos de pânico de minha mãe, podia sentir minha razão entrando em colapso. Eu já era crescida e Stela tinha que aprender a respeitar as minhas vontades também. — Comecei o ano letivo em Oslo, pouco tempo depois estávamos aqui em Amsterdã e agora você já que mudar de novo só porque eu sou a garota mais azarada da face da Terra? Você não vê que está me prejudicando?

— Não! Além do mais, recebi uma oferta irrecusável de emprego fora da Europa... — Sua voz saía cambaleante.

— Eu não aguento mais isso! EU NÃO VOU! — explodi. Excluída. Diferente. Solitária. Infeliz.

*Como minha mãe poderia achar normal viver entre vinte cidades e*

*países diferentes num curto intervalo de dezessete anos? Por que tinha que ser assim?*

— Nina, se eu recusar esse trabalho, uma série de portas vão se fechar para mim. Lembre-se que eu sou referência em minha área. O mercado está muito competitivo e vem engolindo os que não se adaptam.

*Claro! A desculpa que sempre me fez calar, mas que não me convencia mais.*

Minha mãe especializou-se em um ramo da indústria de produção de lentes de contato. Sei que fez isto por amor a mim. Nasci com um defeito em ambas as córneas. Apesar de ter uma visão perfeita, a anatomia de minhas pupilas é estranhamente incomum, fina e vertical, assemelhando-se à de uma cobra, lagarto ou de um felino, como prefiro imaginar. Assustador, eu sei, mas graças a Stela nunca me foi constrangedor. Ela percebeu que aquela aberração poderia influenciar o modo como as pessoas me tratariam. Como sempre foi uma mãe protetora e uma mulher inteligentíssima, arregaçou as mangas e começou a estudar por conta própria os meios de confecção das lentes de contato existentes no mercado. Especializou-se nos diversos tipos de materiais, modelos e matizes das lentes que existiam no mundo, de maneira que seu grau de conhecimento se tornou tão singular nessa área, que ela foi rapidamente absorvida pela indústria de produtos oftalmológicos.

Costumava me sentir culpada por nossa solitária vida de nômades porque, sempre que Stela ouvia falar de algum avanço científico na área, lá estávamos nós de novo fazendo as malas e partindo para outra cidade ou país. Mas hoje não acredito mais nisso. Sei que sua experiência nesse ramo de atividade é a desculpa perfeita para as suas costumeiras mudanças bruscas de vida e lugar, e a válvula de escape ideal para as suas habituais inconstâncias de temperamento.

Para piorar a situação, nasci de mãos dadas com o azar e a minha

segurança se transformou na maior das suas paranoias. Para uma mãe solitária e neurótica isso já seria um prato feito. Agora imagine se essa mãe fosse também tremendamente supersticiosa, do tipo paranoica elevada à décima potência...

Imaginou?

Então chegou *quase* perto. *Quase*.

Dessa forma, sempre que algum fato estranho acontecia, já era motivo para mamãe pensar em mudar de cidade. Como sempre fui muito azarada, aprendi a omitir acontecimentos nada convencionais que, vez ou outra, insistiam em ocorrer comigo. Cheguei a pensar que talvez fosse algum problema com a minha visão ou com as lentes de contato especiais que ela confeccionava para mim, mas compreendi que era apenas falta de sorte.

— Por que eu não posso ser como todas as garotas da minha idade, hein? Sempre que começo a fazer amigos você parece que fica aborrecida. Eu quero uma vida normal, mãe!

— Que conversa é essa, Nina? Sempre tivemos uma vida normal e, bem... eu nunca me importei com as suas novas amizades. — Mas o semblante culpado de Stela evidenciava o contrário.

— É claro que não se importa, afinal de contas eu não tenho amigos mesmo! Eu não tenho tempo sequer de conhecê-los! Mal consigo gravar os nomes dos meus colegas! Isso é normal pra você? — indaguei com as sobrancelhas cerradas, o sangue bombeando forte dentro das veias. — Ah, já sei! — acrescentei sarcástica: — Normal para você é começar o ano letivo em Varsóvia, mudar logo em seguida para Viena e terminá-lo em Copenhague, reiniciar o outro ano em Oslo, mudar para Amsterdã, para então ir não sei lá onde. Aliás, Stela, deve ser por isso que sou tão boa em Geografia, não é?

— Não me chame de Stela! Você sabe que eu não gosto! —



retrucou soltando o ar com dificuldade, em sua vã tentativa de disfarçar os nervos à flor da pele. — Filha, eu prometo que nós vamos mudar cada vez menos. As coisas só precisam se acalmar... Aí a gente se estabelece na cidade que você escolher.

— O que precisa se acalmar?

— Na hora certa você saberá. — Ela esfregou o rosto, deixando transparecer o tremor em suas mãos, e sepultou o assunto com a enervante resposta de sempre. *No fundo eu sabia que ela não responderia. Nunca respondeu e agora não seria diferente.*

Abaixei a cabeça e segurei na marra as lágrimas de impotência que forçavam passagem. *Por que ela não me contava o que a afligia? Por que fazia questão de manter essa muralha entre nós?*

— Não tive tempo de dizer para onde vamos nos mudar. É um local de que gosto muito e que você adorou quando criança. Quer uma pista? — Esboçou um sorriso triste e continuou, estudando minhas reações com ansiedade: — Nova York!

Apesar de não querer dar o braço a torcer, minhas expressões se suavizaram. Se havia um local de que eu tinha boas recordações, embora poucas, esse local era Manhattan. Não que eu não gostasse de Amsterdã, seus lindos canais, passear de bicicleta pela cidade, a vida tranquila. Mas algo dentro de mim borbulhava. Agora eu queria mais. Queria mais gente, mais agitação, e até mesmo mais buzinas, sirenes, fumaça, escadas rolantes em minha vida. É isso mesmo: eu queria mais vida na minha vida!

— Partiremos amanhã à tarde — completou, percebendo a melhora em meu semblante.

— Peraí, você já tinha decidido?

— Não tinha nada decidido. A oferta apareceu e pronto. Fim de papo! — A voz grave confirmava que seu delicado

humor rolava ribanceira abaixo e que de nada adiantaria estender aquela conversa: Stela havia se fechado em seu casulo particular. Dois assuntos costumavam encaminhá-la diretamente para o maldito casulo: o primeiro era discutir algo que ela já havia decidido, como mudar repentinamente de cidade; o segundo, que também me incomodava cada vez mais, era falar sobre nossa família, principalmente sobre meu pai. Stela nunca falou. Nos últimos dois anos as nossas brigas aumentaram de forma exponencial. Queria saber algo sobre ele. *Ela não teria uma foto sequer?* Eu deveria ter muitas semelhanças com ele. Stela é morena, baixa, corpulenta, seus cabelos são negros assim como seus miúdos olhos. Completamente diferente de mim! Minha pele muito branca, meu biotipo longilíneo, meus fartos cabelos castanho-claros assim como meus arredondados olhos dessa mesma cor são a prova viva da herança genética herdada de meu pai. Dela herdei minha incapacidade de aceitar um *não* como resposta e meu gênio indomável... *Por que não podia me dizer alguma coisa sobre ele? Ele havia nos abandonado ou estava morto?*

— Estou indo acertar os detalhes da mudança. Aproveite para arrumar as malas — finalizou ela com um olhar distante enquanto abria a porta.

Eu conhecia aquele olhar. O mesmo olhar que confirmava que minha mãe estava com os pensamentos bem longe dali. Aqueles mesmos pensamentos que nos fizeram mudar constantemente, as mesmas neuras que insistiam em me afastar de todos ao meu redor, em me isolar. Já deveria ter me acostumado, mas a cada dia tal situação ficava mais insuportável. Queria outras pessoas para dividir as minhas dúvidas e contar meus segredos. Queria amigos de verdade! Os poucos que fiz se perderam no caminho, ficaram para trás. Amizade exige

presença, e eu não ficava muito tempo em lugar algum.

— Estou indo devolver as chaves do carro e do apartamento.

Nós nunca comprávamos nada de valor, como imóveis ou carros. Mamãe sempre os alugava.

— Eu te amo, filha. Mais do que tudo nesta vida.

— Eu sei, mãe. Eu também — soltei baixinho.

Senti meu coração encolhendo dentro do peito. Apesar de tudo, eu a amava demais. E esse amor conseguia suplantar a raiva que alimentava por suas loucuras e nossa vida cigana. Eu tinha que aprender a aceitar a mudez e o temperamento de minha mãe. Se ela não queria falar do seu passado é porque devia existir uma boa razão. A dor que podia ser vista por trás do seu semblante sofrido me paralisava. Eu sabia que ela me amava. Mas era um amor estranho, doentio de certa forma. Talvez porque não tivéssemos família. Talvez porque houvesse... algo mais.

Talvez.

O entardecer estava nublado quando nos dirigimos para o aeroporto e Amsterdã despediu-se de nós com gelados beijinhos em forma de pingos de chuva. Stela mantinha o hábito de vestir seu semblante frio e ilegível, traje ideal para as desconfortáveis ocasiões de mudança de cidade ou país. Eu, por minha vez, aprendi a não me apegar a lugar algum, a não olhar para trás. Despedidas mexem fundo com a nossa alma e eu estava cansada de sofrer.

O check-in teria sido tranquilo se eu não tivesse me aproximado de uma banca de jornal no saguão do aeroporto e visto algo que me intrigou.

— Mãe, olhe!

— Que foi?

— Aquele artista de rua da praça Dam! Foi... assassinado!

Apareceu hoje boiando num dos canais, cheio de facadas, ou algo assim.

Com o corpo rígido e o rosto indecifrável, Stela se aproximou e leu a matéria em silêncio. Não falou absolutamente nada. Nem um único comentário. Não gostei da reação.

— Vamos — disse ela, mais seca do que nunca —, temos que despachar nossas bagagens.

— O que está acontecendo?

— Nada, Nina. Por quê?

— Você parece assustada.

— É impressão sua.

Algo dentro de mim fazia perguntas sem sentido: *Será que Stela sabia de alguma coisa sobre aquele assassinato e não me contou? Seria por isso que estávamos saindo dali com tamanha urgência?* Não! Era óbvio que não! Até porque sair às pressas de um local para outro já era seu famigerado hobby, e eu já devia ter me acostumado.

— Vou comprar um sanduíche. Quer um? — perguntou ela apontando para uma lanchonete após despachar nossas malas.

— Não — refutei de má vontade.

— Que foi, Nina?

— Posso perder o ano letivo, mãe. Você não fica nem um pouco preocupada?

— Você sempre se saiu bem e, além do mais, tem coisa pior nesta vida...

Seu descaso me enervou.

— Pior?! O pior é a minha mãe ter que levar uma vida normal, não é mesmo?

— Você não sabe de nada! Se sentisse o que eu sinto...

*Ah, não! Agora ela era a vítima?*

— Como não sei? Sou eu quem convive com você! Sou eu quem aguenta de tempos em tempos esse seu olhar de depressão e suas atitudes egoístas! E em mim? Você não pensa?

— Claro que sim, Nina! É por você que faço essas mudanças!

— Que papo é esse agora? Eu nunca pedi para me mudar! — Soltei uma risada sarcástica diante da resposta descabida. — Olhe! Estão chamando para o embarque. Vamos, eu como no avião! — Ela fechou a cara como se eu tivesse dito algo ultrajante, como se fosse ela a ofendida, e se levantou. — Rápido, Nina!

*Argh!* Sem opção, sufoquei minha ira e peguei meu iPod. Botei Evanescence pra tocar no volume máximo e, atrapalhada, deixei meu fone de ouvido cair quando ele se enroscou em meus cabelos. Ao abaixar para pegá-lo, senti uma fisdada nas costas e um calafrio muito forte estremeceu todo o meu corpo. Ao virar para trás, encontrei Stela com a expressão petrificada, o olhar acurado como um bicho pronto para dar o bote.

— O que foi agora, mãe?

— Nada. Fique quieta!

— Como nada? E essa sua cara de quem viu assombração, hein? Por que quer que eu fique quieta?

— *Shhhh!* — Ela agarrou meu braço e, empurrando as pessoas pelo caminho, foi avançando pela fila como uma jamanta desgovernada. — Você vai ter que me dar uma explicação para isso tudo, mãe! — rebati num misto de vergonha, ódio e incredulidade com o seu comportamento enlouquecido em público.

— Eu vou dar na hora certa — respondeu ela entre os dentes enquanto me conduzia às pressas para dentro do avião.

*Mas ela nunca chegou a dar.*

Este capítulo acabou, mas a busca de Nina por respostas apenas começou. Quem estará por trás dos inexplicáveis e invariavelmente fatais acidentes que parecem segui-la, não importa onde esteja? Conseguirá finalmente fincar raízes e ter uma juventude normal em Nova York? Ou será que os calafrios, a perda de visão e memória e os misteriosos olhos azul turquesa vão leva-la a um destino terrível porém inevitável?

A contagem regressiva já começou. Compre já o seu livro e viva esta eletrizante história... enquanto ainda pode.

286 páginas

R\$ 29,90

valentina



[facebook.com/EditoraValentina](https://facebook.com/EditoraValentina)  
[twitter.com/EdValentina](https://twitter.com/EdValentina)





WORKAHOLIC ASSUMIDA, vi meu mundo virar de cabeça para baixo quando meu médico ratificou que eu estava grávida, mas que seria uma gravidez de risco e que teria que ficar de repouso durante os nove meses. De início, achei o máximo ter um tempão para não fazer nada, só comendo besteiras e assistindo a meus programas favoritos. Mas os dias foram passando e, com eles, a minha paciência foi se esgotando.

Após um mês deitada – eu já estava a um passo da depressão –, meu marido (e nas horas vagas meu super-herói) entrou em ação. Vou recordar até meus últimos dias de vida quando ele chegou em casa carregando um presente envolto num lindo embrulho e disse com um sorriso travesso nos lábios: “Você já dormiu demais. Está na hora de começar a sonhar.”

Abri o pacote e lá estava o meu grande (e adormecido!) amor piscando para mim: um romance YA! A partir daquele dia li quantidades absurdas de todo tipo de ficção para jovens e, para nunca mais me afastar dos personagens fantásticos que amava ou surgiam em minha mente, decidi escrever. Costumo dizer que, ao término da gestação, dei à luz dois filhos: meu lindo menininho e a paixão pela literatura jovem.

Ainda se beliscando para acreditar que se transformou em best-seller da Amazon da noite para o dia e regada a muito café e rock'n'roll, FML Pepper divide seu tempo entre o consultório e a carreira literária, e vive sua vida “de mentirinha” junto ao melhor marido das galáxias, seu pequeno príncipe, suas duas chihuahuas lindinhas e orelhudas, e seus personagens imaginários.

E sonha, feliz da vida, em levar sua trilogia fantástica para o mundo todo!

A handwritten signature in black ink that reads "FML Pepper". The signature is stylized and cursive, with the letters "FML" being more distinct and the "Pepper" part flowing into a continuous script.

# A Valentina

Para a VALENTINA, leitura é, acima de tudo, entretenimento.

**Olho vivo e faro fino.** Esse é, na verdade, o lema de todo grande editor. E a nossa pinscher encarna esse lema como ninguém. A busca por livros inesquecíveis e entretenimento de alta qualidade nos leva a prazerosamente garimpar pelo mundo, todos os dias, o melhor da literatura de entretenimento, sem preconceitos.

Queremos fazer parte do universo único onde habitam leitores vorazes e antenados, personagens inesquecíveis e obras premiadas, eternas e transformadoras; afinal, como dizem por aí, todo baixinho é folgado, e a doce Valentina se acha o dobermann do pedaço.

E, para não ficar ninguém de fora, procuramos um mundo de temas: urban fantasy, distopia, paranormal, romances femininos, thriller, chick-lit, pets, religiosidade, biografia, bem-estar, steampunk... Sem esquecer, logicamente, os nossos xodós: romances que abordam a juventude contemporânea e ganham vida fora do livro – muitas vezes vão parar nas salas de aula – com discussões fundamentais sobre os adolescentes, seus sonhos, seus medos, seus dramas e, principalmente, suas paixões.

É verdade, já deu para perceber, que a gente ama de paixão a literatura juvenil, mas nosso catálogo é eclético e moderno: tem diversão e cultura para quem está começando, aos 6 anos de idade, e também para quem já passou dos 100. Ah, e tem para quem quer chegar lá, certo? Tem tudo que, de alguma forma, faz da leitura um momento único e insubstituível.

A pergunta: Como pode um ser tão pequenino fazer tanto barulho? A resposta: Latindo com paixão, entusiasmo e um imenso tesão pelo que se faz. A gente adora latir, ops, quer dizer, a gente adora falar sobre livros. Venha visitar mais a VALENTINA em nosso site, no Facebook ou no Twitter e contar pra gente como foi a sua experiência com os nossos livros. Esperamos você, já estamos abanando o rabinho e com a as orelhas em pé. Obrigado.

Au-au, rrrrr, au-au-au, ou melhor, muito prazer, somos a VALENTINA.

NEM TUDO É O QUE PARECE SER. *Perigo*. A VIDA  
DEPENDE DA MORTE. *Sedução*. NÃO HÁ ONDE  
SE ESCONDER. *Medo*. OLHOS DE UM FASCINANTE  
AZUL-TURQUESA ESPREITAM. *Paixão*. UMA NOVA  
DIMENSÃO SERÁ ABERTA. *Suspense*. CENÁRIOS  
DESLUMBRANTES E PASSAGENS INFERNAIS. *Ação*.

É DE TIRAR O FÔLEGO.

VIVA ESTE QUEBRA-CABEÇA... ENQUANTO VOCÊ PODE.

PRÓXIMOS VOLUMES:



LIVRO 2



LIVRO 3